

AS “PRIMÍCIAS POÉTICAS” DE PAULO EIRÓ.

1. *A obra poética de Paulo Eiró*: — Segundo José A. Gonsalves, Paulo Eiró deixou oito coleções de poesias: — “Primícias poéticas”, “Cantos e prantos”, “Cismares da solidão”, “Lira e mocidade”, “Boninas”, “Tetéias”, “Melodias”, “Adoração” e um poema “Crepúsculo dos deuses”. Coleção que constitui a sua obra até os vinte anos.

Dos cento e noventa poemas que nos restam dêste vasto espólio, José A. Gonsalves publicou apenas sessenta e cinco, numa coletânea inédita que organizou, prefaciou, anotou, e que vem logo em seguida à novela histórica de Afonso Schmidt, “A vida de Paulo Eiró”, editada pela Companhia Editôra Nacional, em 1940.

E’ sôbre êste texto que iremos basear o nosso estudo crítico. Trataremos, pois, das seis reduzidas coleções que, na obra citada, aparecem sob os nomes de: — “Primícias poéticas”, “Cantos e prantos”, “Lira e mocidade”, “Boninas”, “Tetéias”, “Avulsas”. Como se vê, nomes já arranjados por Paulo Eiró, menos o último, que é de coleção elaborada pelo antólogo.

2. *As “Primícias poéticas”*: — Dezoito poemas, escritos em 1853-1854, aos dezoito anos. Dêstes, apenas alguns trazem data clara: — “Ao raio” foi escrito em São Paulo, a 15 de outubro de 1854, e “Vingança”, também em São Paulo, em junho do mesmo ano. Está deslocado, aqui, o último poema, “Estâncias”, composto em fevereiro de 1859. José A. Gonsalves acha que também “O evangelho”, oferecido ao irmão Casemiro, é posterior a 1854; pensa que deva ser de 1860, ano em que Casemiro se ordenou padre. Lembremos, porém, que êstes versos: — “Tu, que junto dos altares / Louvarás teu Salvador, / Não deixes o livro santo: / Lê-o sempre com fervor”, mais parecem digirir-se a quem ainda estava estudando para ordenar-se. E não se deve esquecer que, nascido em 1830, Casemiro era seis anos mais velho que Paulo Eiró: — mais parecem conselhos do mais velho ao mais moço. Afinal, achamos que podem, perfeitamente, ter sido escritos bem antes de 1860: — não estão deslocados nas “Primícias poéticas”.

Os dezoito poemas desta coletânea, para fim de estudo, dividimo-los em subjetivos e objetivos. Subjetivos, os mais íntimos, al-

guns até autobiográficos: — poemas da autobiografia íntima de Paulo Eiró. Objetivos, não que não revelem o poeta; mas porque, bebendo inspiração no exterior, conservam, apesar do seu subjetivismo, muito de externidade.

3. *Os poemas subjetivos das "Primícias poéticas"*: — São apenas oito: — três, que nascem diretamente do caso amoroso do poeta: — "Surprêsa", "Desalento" e "Vingança"; cinco, que exprimem, de maneira admirável, uma vontade incoercível de morrer: — "Desespêro", "Asael", "Último dia", "Morramos!", "Estâncias".

Vejamô-los a todos, através da sua temática e espírito:

1). — "Surprêsa: — Neste sonêto, o poeta encontra a Amada em desalinho e desorienta-se. Ela lhe manda, com um "ficai!" nos olhos, que saía. Ele não sai; toma-a nos braços. E ela lhe acaba dizendo: — "Já que parte entrevisteste, dou-vos tudo!"

O espírito brejeiro, erótico (sugestão bocageana?) dêstes versos, mostra que, em Paulo Eiró, a sensualidade havia, como brasa na cinza: — sensualidade sob o misticismo. No comêço, pensamos que tal fato poderia ter-se mais ou menos dado, quando o poeta — morando na mesma casa em que vivia a Musa, casa de um parente comum a ambos — teria tido maior aproximação amorosa. Ora, Afonso Schmidt nos informa que, quando Paulo Eiró esteve hospedado na casa do primo Malaquias Rogério de Sales Guerra, o parente referido, sofreu muito a indiferença da Musa. De onde, o erotismo verdadeiro realizou-se em imaginação, em compensação inconsciente.

2). — "Desalento": — O nome revela o espírito do soneto: — desenganado no amor, busca a tranqüilidade no estudo. Tudo, porém, em vão: — percebe que não lhe virá a serenidade, enquanto não morrer a esperança de obter o amor da Amada.

Aqui, transparece, clara, a fôrça de vontade do poeta: — o estudo, como uma distração para a amargura. Afonso Schmidt, que tão bem captou a tragédia do poeta, andou acertadamente em explicar a sua resolução de estudar Direito, como uma decorrência da necessidade de reconquistar a Musa, com o título de bacharel; e andou certo em fazer depender o seu teatrinho de Santo Amaro, da mesma necessidade. A verdade, porém, é que — o poeta nos confessa — o estudo não lhe deu serenidade alguma.

3). — "Vingança": — Êste poema, escrito em São Paulo, em junho de 1854, é fundamental: — exprime um estado de espírito essencial do poeta: — pouco antes, dera-se o malôgro amoroso: — perdera a Musa, para todo o sempre.

Nele se exprime o seguinte: — O poeta tem absoluta certeza de que a glória, no futuro, lhe virá. Se Ela o desprezou, por outro mais rico e requebrante, êle não a cantará. De onde: — seu nome, sem o seu verso, cairá no mais completo esquecimento. Eis a vingança.

Aqui se vê, pelo gôsto e convicção da glória, que Paulo Eiró era, também, homem do mundo. Mais: — fôrça, coragem no externar as suas mais íntimas dores. E delicadeza. Que vingança! Só, como era justo, lhe nega o bem que lhe poderia fazer.

Agora, os poemas em que exprime o seu desêjo de morte:

1). — “Desespêro”: — Na noite triste e negra, ardendo em febre, no leito, soltava imprecações, vertia pranto. Perdera o equilíbrio nervoso e bradava ao céu: — “Meu Deus, a vida me molesta, o seu pêso me faz succumbir. Deixa-me repousar no pó. A lousa é escudo contra os desprezos e o ódio. Ela me vale mais que um tro-no. Mas, quem me esfria o sangue, me cerra os olhos? A morte? Eu a saúdo!” Ai, ainda não era ela!

Êste sonêto, que anuncia Antero e poderia ser assinado por êle, recorda, também, a técnica de Bocage, que influiu em Quental e Eiró. Lembra Antero, pela densidade, pelo gôsto da meditação noturna que culmina em pranto, e pela valorização da morte. Lembra Bocage, pelo gôsto, no sonêto da imprecação entusiasmada e longa.

O que nele se vê é: — noturnidade, solidão, meditação: — características românticas. E, mais próprias de Paulo Eiró: — o desequilíbrio nervoso, a ortodoxia religiosa e o desêjo de morte, convicto, fervoroso; da morte como libertação das limitações terrenas, da morte como remédio “contra os desprezos e o ódio”.

Levando-se em consideração: — que êste sonêto revela técnica magistral e conteúdo amadurecido; que, nele, o poeta nos diz: — ‘Da razão me fugira o lume santo’, e que os primeiros sinais da doença nervosa surgiram em 1859, aos vinte e três anos — concluímos que êstes versos tenham sido escritos por volta de 1859.

2). — “Asael”: — Neste poema elegíaco, (Asael é o anjo da morte), encimado por uma epígrafe de Lamartine: — “Ah! mourons pour vivre toujours!”, a morte surge como a possibilidade de uma vida melhor. Para o poeta, a vida terrena é qualquer coisa de perturbador, de tumultuoso. Confessa-nos que, no comêço, valorizou a vida, iludiu-se com ela, mas logo se voltou a Deus, criando o desêjo da morte, o seu enternecido amor da morte. A sua vida é como um rio impetuoso (a hidrolatria do poeta). A eternidade, uma esmaltada praia. E o batel? será a morte? Meditando nela,

no Além, acha que é longa a vida e que só no seio da morte encontrará: — crenças, vida e futuro. Confessa que perdeu tôdas as flôres da mocidade: — “Rosas de crença, lírios de pureza”; só lhe restou a flor de amor da morte. Sua pátria não é a terra; é o céu, que êle pinta em poucos versos.

Já, em “Asael”, não existe, como se vê, desespêro; há enternecimento.

3). — “Último dia”: — Êste poema, em que o poeta nos confessa nunca haver blasfemado, constitui como que a previsão da sua morte quase completamente despercebida, enterrado que foi na vala comum. Aqui, o amor da morte avança: — o último dia é o da libertação. Tão inconsciente vai o poeta neste amor, que, com êste poema compõe um longo, admirável epitáfio, onde há êstes versos lapidares, de decidida ironia e coragem: — “De pedra é o berço — durará mais tempo; / Nele me embalará divina mão, / E pode sôbre a campa desdenhada / Sentar-se a solidão”. Ou êstes, onde há a irreduzível convicção da glória futura: — “O poeta só pede que lhe cavem / Um jazigo, no seu torrão natal, / Tendo, por única inscrição, a lira, / Seu símbolo imortal”.

4). — “Morramos!”: — Neste, o amor da morte já está cristalizado em decisão. Poema perfeito, pela fusão harmoniosa de contexto e texto, intuição e expressão; curiosíssimo, pela dissociação que o poeta opera, para ficar à vontade, no seu narcisismo, na sua auto-complacência: — sua alma é uma “donzela” (“fênix divina”, “pobre”, “alma irriã da minha”, “virgem”, “querubim”, “criatura de luz”), de quem êle é o “louco amante”. Donzela que êle canta, magistralmente, num tempo só, como exterior (donzela) e interior (alma). Esta auto-complacência, êste amor da sua alma como donzela, nasceu da infeliz frustração amorosa, como profunda compensação. Não conseguindo o amor da Amada, voltou-se para o amor da sua alma (auto-piedade); e a sua constituição e formação religiosa lhe criaram o amor da morte, desde que — segundo nos afirma — sua alma não encontra, na terra, ambiente propício à vida. Êste poema faz de Paulo Eiró um primo-irmão mais novo de Quental e de Alphonsus: — três poderosos enamorados da morte.

Em “Morramos!”, que julgamos o melhor poema subjetivo das “Primícias poéticas”, há ainda mais indicações preciosas: 1). — A insignificância da vida terrena: — “Não é a vida mar no mundo, / Gôta na eternidade?” 2). — A realidade é o após-morte. 3). — Para aguardá-la, é necessário estoicismo: — “Aguarda sem gemidos, sem um grito, / Que uma réstia de sol da eterna esfera / Te arranque ao sonho aflito”.

5). — “Esâtncias” (à sua Mãe): — Síntese admirável: — Uma visão pessimística da vida; a recordação de sua infância feliz; o papel da Mãe, em relação a êle; a tristeza que a definha, por ver o filho sofrer; termina, pedindo a Deus que venha a morrer amparado por ela.

Êste poema lembra Álvares de Azevedo, pela preocupação com a Mãe, e recapitula Camões e Casimiro, na última estrofeò — “Eu hei de fenecer à luz da aurora, / Com a fronte escondida no teu seio, / Ave que o caçador feriu no ninho / E, morrendo, interrompe o seu gorjeio”.

Nele se exprime a convicção do poeta no próprio valor, a sua profunda modéstia, o seu sincero desejo de obscuridade e morte: — poema representativo, autobiográfico.

*

* * *

Tratemos, agora, da técnica e do estilo de todos êstes poemas.

Dos que examinamos, o mais notável poema de Paulo Eiró, pela composição e variação estrófica, métrica e rímica, é “Asael”, em que as mudanças procuram acompanhar as necessidades da expressão. Êste poema, dividido em cinco partes, revela não só o cuidado formal do poeta, como — parece-nos — a lição de Herculano, poeta que apreciava muito a variação no mesmo poema.

O sonêto de Paulo Eiró acusa atenta leitura de Bocage: — tem timbre bocageano.

A estrofe que o poeta mais aprecia, é uma quadra de tipo especial: — os três primeiros versos, decassílabos; o quarto, de seis sílabas; o primeiro e terceiro, brancos; o segundo e quarto, rimados. Ou senão, com rimas também no primeiro e terceiro verso. Estrofe que surge em três belos poemas: — “Vingança”, “Último dia” e “Morramos!”. Exatamente a estrofe usada por Álvares de Azevedo, no “Se eu morresse amanhã!”.

Logo à entrada do poema “Asael”, surge uma curiosa décima, talvez nascida, inconscientemente, da leitura da silva do Alexandre Herculano d’“A harpa do crente” e da oitava camoniana. Décima com duas partes: — Uma oitava e um dístico. A oitava é em silva espanhola (versos de dez e seis sílabas alternados). Os versos ímpares, brancos. Os pares, com rima.

Comumente, porém, usa a quadra decassilábica romântica, rimada só no segundo e quarto.

O verso predileto do poeta é o decassílabo, que alterna com o de seis. Além do decassílabo branco — que em Paulo Eiró, revê a leitura de Garrett (“Camões”) — há mais, no poema “Asael”, o verso de nove sílabas, com acento na terceira, sexta e nona (hino

por que termina o poema), e mais os versos de sete, seis e cinco; êste, com acentuação variada.

Paulo Eiró, que não tem nenhuma preocupação formal externa, compõe versos funcionalmente expressivos. Conhece o corte e o transbordamento.

Revela, na imagem, um brasileirismo acentuado, cativante rusticidade, o que lhe dá, à poesia, constante novidade. Veja-se esta, inspirada na vida dos escravos: — “Que te importam, cativo libertado, / Os grilhões que rojaste?” (“Último dia”). Ou esta: — “Ventura para vós, cedros da terra! / Repouso para mim, junco do brejo!” (“Estâncias”). Constrói imagens fortes, movimentadas; algumas, de extraordinária grandeza.

A língua das “Primícias poéticas” é a da melhor tradição: — Camões, Bocage, Garrett, Herculano. Apenas, aqui, ali, muito ajustadamente, uma colocação de pronome à romântica. E Paulo Eiró não recua diante do vocabulário novo: — em “Asael”, por exemplo, encontramos *barroca*, *jequitibá*.

Quanto ao estilo, como não poderia deixar de ser, revela-se mais pujantemente, preenche mais totalmente, naqueles poemas em que o poeta exprime os sentimentos que lhe são mais caros.

Assim, há segurança, fôrça, pensamento nitidamente recortado, em “Vingança”.

Densidade quentaliana, conseguida sem imagens, em “Desespêro”.

Expressão revendo sangue de dolorosa experiência vital e resumando seiva de enamorado conhecimento da natureza, em “Asael”.

Em “Último dia”, há uma tal segurança, que, por ela, já temos um poeta completamente senhor do seu tema, longamente amadurecido, através, talvez, das longas horas de elucubração no leito solitário: — um poeta maduro aos dezoito anos!

Em “Morramos!” o que vemos são as marcas da poesia superior: — serenidade, certeza, segurança absolutas. Serenidade no coração. Certeza no pensamento. Segurança na execução.

Em “Estâncias”, firmeza, suavidade, grandeza. Nas mesmas “Estâncias”, em que há êstes versos lapidares: — “Enxuguei muita lágrima e há caído / Bastante sombra e luz do firmamento!” Sombra, luz, firmamento: — três palavras que, exprimindo a realidade visível, revelam também a tragédia obscura do poeta.

4. *Os poemas objetivos das “Primícias Poéticas”*: — Poemas que chamamos objetivos, porque abordam temas externos; na realidade, exprimem também o poeta, apenas de uma outra forma. São dez: — “O sobrado”; “Ao raio” e “Nuvem da vida”; “Prometeu”, “Cinco de maio”, “Átila” e “A Tamerlão”; “Verdades e mentiras”;

“O evangelho” e “Sonêto ao Tasso”, que assim se caracterizam, pelo tema e espírito:

1). — “O sobrado”: — A vista de um sobrado abandonado acorda-lhe reflexões que se fundamentam, principalmente, na sua tristeza amorosa.

Aqui se exprime que só o amor fruído dá felicidade. São as reflexões de um poeta tradicional e religioso, bastante pessimista; para êle, “tudo se desvanece”, a pretensão humana é vã, o homem parece uma criança que mal sabe o que quer. Reflexões de um romântico, preocupado com a solidão e as ruínas.

2). — “Ao raio”: — Poema nascido da contemplação da natureza. É a apologia do raio, dos seus poderes: — o raio é superior ao oceano, ao furacão, ao vulcão; acima dêle, só Deus.

Nestes versos “Ao raio”, há um gôsto pronunciado pelas coisas americanas; a estima romântica da natureza tumultuosa, bravia (o raio, a procela, o oceano, o furacão, o vento, o vulcão); a valorização das idéias religiosas (a trombeta do julgamento final, a onipotência de Deus, o raio como instrumento de punição), que revela impregnação bíblica.

3). — “Nuvem da vida”: — Suscitado também pela observação da natureza. Êstes versos o resumem: — “Já viste nuvem dourada? “Nuvem é também a vida”. Ai! tudo nos cega e ilude: / — Os sonhos da juventude, / As vãs promessas da sorte, / A amante que nos abraça, / O amigo... Sim, tudo passa / Para dar lugar à morte”.

Por êstes versos, se vê quanto a infelicidade amorosa é responsável pela sua visão pessimística da vida. Aqui, há amor desventurado, pessimismo, experiência da vida, observação atenta da natureza. Versos de um contemplativo meditativo.

4). — “Prometeu”: — “Prometeu”, “Cinco de maio”, “Átila” e “A Tamerlão” são cantos épicos, inspirados na vida de generais. “Prometeu” e “Cinco de maio” tratam de Napoleão. “Prometeu” contém o seguinte: — no mar crepuscular, avulta a ilha de Santa Helena. Nela, um vulto chora: Napoleão. O poeta lhe relembra as glórias e a morte. Como punição aos seus crimes, Deus o faz, em espectro, voltar ao mundo: — não teve céu nem inferno. Acaba-se o poema, com a afirmação de que a violência não permanece, e de que, um dia, o mar há-de cobrir “a terra e quanto a oprime”.

Nestes versos, em que se vê que o poeta conhece bem a vida de Napoleão, temos, no espírito de Paulo Eiró, uma curiosa luta entre misticismo e heroísmo: — sem dúvida que, sôbre Napoleão, cai o castigo de Deus; mas, na fôrça com que o poeta canta a vida do

general, transparece uma profunda admiração pelo *herói*. O que faz o poeta condenar o *herói* é o seu desamor à violência, o seu amor à liberdade.

Em “Prometeu”, um ponto estranho do seu espírito religioso, é aquêlê que manifesta, quando se dirige ao espectro de Napoleão: — “Fantasma, por que vens hoje à procura / Do teu dorido, antigo domicílio? / Mais severo que os homens, por ventura, / Deus há ratificado o eterno exílio? / Fugindo às portas da mansão escura, / Bem como às cenas do celeste edílio, / Da sonolência extrema te desvela / O temeroso “alerta” da procela?” Como explicar a heterodoxia dêstes versos magistraes? Esta deve ser uma daquelas pelas quais o poeta foi obrigado a queimar duas coleções de versos.

Paulo Eiró, em “Prometeu”, não sofreu a influência do “Il cinque maggio” de Alessandro Manzoni; revela, porém, leitura do “Napoleão em Waterloo” de Magalhães, publicado em 1836, nos “Suspiros poéticos e Saudades”, leitura que — parece-nos — sugeriu a Paulo Eiró o modo de pintar a ilha de Santa Helena: — visão noturna e tempestuosa.

5). — “Cinco de maio” (morte de Napoleão): — Tema já tratado, superiormente, no “Prometeu”, que é um desenvolvimento dêste sonêto.

6). — “Átila”: — Uma outra demonstração da idéia contida em “Prometeu”: — acima de todos os poderes, o poder de Deus. E’ a vida gloriosa de Átila e o seu triste fim; a precariedade da força, do poder humano.

Nesta vida épica de Átila, revela-se: — conhecimento histórico pormenorizado; fatalismo, quando o poeta diz ao general: — “Obedece, calado, ao teu destino” e Átila, humildamente, mesmo como “flagelo de Deus”, ouve ao Senhor; uma clara afirmação de construtividade: — “O extermínio não tem filhos! / Teu nome estéril será!”

7). — “A Tamerlão”: — Sonêto, como “Cinco de maio”; poesia épica como êste, “Prometeu” e “Átila”. São os feitos e coragem, o desprezo da morte de Tamerlão, o conquistador tártaro. Aqui, não há a punição de Deus, como em “Prometeu”, mas Tamerlão, como Átila, queira ou não, cumpre o seu destino: — morrer.

São visíveis, em “A Tamerlão”, a vibração épica e o conhecimento histórico. Neste amor ao heroísmo, facilmente notável em alguns românticos, deve ter uma boa parte a concepção de história como uma série ininterrupta de batalhas, em que os generais demonstram o seu valor.

8). — “Verdades e mentiras”: — E’ um excerpto. Apenas a IV parte, incompleta, de um dos mais longos poemas de Paulo Eiró. Poema que deveria ser transcrito inteiramente pelo antólogo.

O poeta quer ver ondear, no Brasil, o pendão vermelho da revolução republicana; ouvir, nas praças, tambores tocando a rebate: — êste, o maior dos seus sonhos. O futuro há-de trazer a livre escôlha pelo povo. E êle, poeta, alcançará essa época? Aí, poderia morrer: — em terra livre, sob o último estádio da liberdade no mundo: — a democracia: — “Sob um poder que só do povo emana”. Mas o tempo se passa e, sempre reis. Brasil, perdeste o brio? “Na arena americana, tu só, mudo, / Os braços cruzarás, beijando os ferros?” Tudo será estragado pelo “gado servil” dos cortesãos? Tu, outrora grande e livre, deixarás que uma “côrte madrasta e vil” ostente, aqui, o seu vergonhoso domínio? “Côrtes! Côrtes! Covis do velho Caco, / que os latrocínios abarrotam de ouro”. “Destruí êsse dédalo risível, / Da cobiça de alguns sórdido altar: / Em século de luzes, povo altivo / Dispensar pode um anjo tutelar”. (Poema escrito em 1854).

Paulo Eiró é o primeiro poeta brasileiro que prega a revolução, a república, a democracia, de maneira desabusada e violenta, preocupado, ainda, com a posição do Brasil na América. Além disto foi quem, a 15 de outubro de 1854, realizou, no poema “Ao raio”, o primeiro vôo de condor.

9). — “O evangelho” : — Dedicado ao seu irmão Casemiro. Conselhos para ler o Evangelho, o livro por excelência.

Neste poema familiar, verdadeira confissão de ortodoxia, em que se nota um assíduo conhecimento da Bíblia e se afirma que a solidão é benéfica ao aperfeiçoamento do nosso espírito, há uma convicção arraigada em Paulo Eiró: — a de que os homens só darão à nossa mágoa, riso e escárneo.

10). — “Sonêto ao Tasso. : — Louva ao Tasso. Lembra-lhe o amor a Eleonora, fiel até o fim; a vida afanosa e peregrina. Afinal, uma aurora celeste lhe ilumina as faces. Ninguém mais o chamará de louco: — a morte tudo acaba. E a alma pura do Tasso terá no jazigo o que pedia: — sono eterno e lauréis.

Êste sonêto revela o apêgo do poeta ao Tasso. Aliás há profundas semelhança sentre os dois: — o espírito religioso, a desventura amorosa, a loucura. Curioso é que, falando do Tasso, Paulo Eiró faz, do sonêto, uma verdadeira confissão: — é quase um poema subjetivo: — exprime, em linhas gerais, tanto a vida do Tasso como a de Eiró.

*

* * *

Abordemos, agora, a técnica e o estilo dêstes dez poemas:

“Átila” e “Verdades e mentiras” são os que apresentam maior complexidade de recursos, na composição.

“Átila” está dividido em duas partes. A primeira, em decassílabos; oito tercetos de Dante, com uma quadra de remate. A segunda, em dez décimas de versos de sete sílabas. Décima dividida numa quadra e uma sextilha. A quadra, com rimas cruzadas. A sextilha tem o terceiro e o sexto verso com rimas agudas; os demais são graves, rimando o primeiro com o segundo e o quarto com o quinto.

“Verdades e mentiras” vem também com duas partes. A primeira com seis estrofes: — cinco quadras e um dístico decassilábico. As quadras ímpares, de decassílabos, rimam o segundo e quarto verso e trazem brancos o primeiros e o terceiro. As quadras pares, compostas de versos de dez e seis sílabas, alternados, rimam como as quadras ímpares. A segunda parte consta de uma estrofe de nove versos e duas quadras decassilábicas. Estas rimam o segundo com o quarto verso; o primeiro e o terceiro trazem rimas toantes. A estrofe de nove versos é totalmente arbitraria: — verso de dez sílabas; apenas o primeiro e nono de seis sílabas. Rimados, o primeiro com o sexto e nono; o terceiro com o quinto; brancos, o segundo, quarto, sétimo e oitavo.

O exame destes dois poemas demonstra que, se em Paulo Eiró há a busca da regularidade formal, também há o arbitrário, a composição desalinhavada: o clássico e o romântico.

Os sonetos revêm a lição dos clássicos: — Camões, Bocage. A todos, preferimos o “Soneto ao Tasso” que, lembrando Bocage, é bem mais moderno. Podemos até dizer que anuncia o Parnaso. Bilac — outro discípulo de Bocage — poderia tê-lo escrito, levando-se em conta, não as idéias mas a técnica da apresentação.

Paulo Eiró, maneja, nestes poemas, o dístico, o terceto, a quadra, a sextilha, a oitava, a décima. E’ visível o seu gosto pelas estrofes de muitos versos, principalmente a sextilha de versos de sete sílabas, rimando o primeiro com o segundo, o quarto com o quinto, graves; e o terceiro com o sexto, agudos: — estrofe de talho popular, muito usada pelo admirável Abílio Vítor das “Fôlhas do ‘mato” e das “Favas de ingá”. Aprecia, também, a oitava camoniana (“Prometeu”).

Os seus metros prediletos são os da raça: — o setissílabo e o decassílabo, de manejo exemplar. Intervaladamente, com o de dez sílabas, o de seis. Poeta erudito, com marcada possibilidade para popularizar-se. Verso seguríssimo, em que vemos o conhecimento do corte, do transbordamento, da harmonia imitativa (“Prometeu”). Em “A Tamerlão”, há êstes versos perfeitamente parnasianos pelo talho: — “E pôs-se a caminhar; tem por farol / O destino: que importa que sucumba? / é no ocidente que se põe o sol!” E, também

perfeitamente condoreiros, pela amplificação, pelo agigantamento cósmico: — o sol é Tamerlão.

E aqui se faz necessário corrigir dois versos do texto que estudamos: — em “Átila”, primeira parte, penúltima estrofe, em vez de “Não vícios mergulhada”, deve ser “Nos vícios mergulhada, fuge à luta”. Em “Verdades e mentiras”, do primeiro verso, leia-se *céu*, não *véu*, assim: — “Meu Deus! Se eu visse, neste céu da pátria”.

Quanto à rima, é de se notar que Paulo Eiró dá muito valor ao ouvido. Em “Átila”, temos *Vergéis* rimando com *pés*, e *reis* com *vez*, denunciando a tendência romântica de aproximar-se da pronúncia popular. Em “Verdades e mentiras”, o único poema das “Primícias poéticas” em que a forma claudica visivelmente, há homofonias, em versos que não rimam; há rimas imperfeitas de vários tipos: *sublime* com *expri-me*; *Caco* com *vácuo*; *risível* com *al-tivo*, falhas resultantes do fato de o poeta caminhar sem guia, com tema e espírito totalmente novos: — não encontrara ainda o seu estilo.

A língua de Paulo Eiró é escorreita, antes erudita que popular.

As imagens, originais, abundantes, definem, solarmente, a constituição e formação do seu espírito. Como Baudelaire, está preocupado com a correspondência mundo-espírito, construindo imagens que, pelo concreto, dão idéia do abstrato, ou vice-versa, representam o material pelo espiritual, como quando, por exemplo, afirma que o entusiasmo é primogênito irmão do raio, ou que a “carreira terrível” do raio “E’ rápida, irresistível, / Como um grito de prazer”.

Imagens nascidas da cultura, da natureza e da vida. As suas fontes de imagens culturais são a bíblica (complicada dos seus conhecimentos religiosos) e a clássica (Hidra, Prometeu, Caco, Dé-dalo), esta em muito menor escala: — Paulo Eiró não é um poeta livresco. A natureza é, sem dúvida alguma, a fonte predileta de suas imagens. Em “Nuvem da vida”, sua atenção está voltada para os fluídos (nuvem, fumo, água); a mesma hidrolatria que estudamos em Amadeu Amaral, ligada, nos dois poetas, à concepção da instabilidade das coisas da vida. Eis um ponto de contacto entre os dois espíritos, e uma das razões pela qual Amadeu estudou Paulo Eiró, naquela conferência do Teatro Municipal de São Paulo, em 1923. Mas há, ainda, imagens rústicas, ligadas a vegetais; ligadas a animais americanos (condor, jaguar). E, nos poemas épicos, imagens ligadas a animais bravios (pantera, leão), ou às forças brutais da natureza (vulcão, ventania, mar, raio, queimada). Paulo Eiró, que teve uma infância plena, dela faz um repositório de imagens muito amadas.

Nos poemas épicos, o que anima as imagens é uma grandeza desmesurada, cósmica, é a força, a rudeza: — imagens incontestá-

velmente épicas. E há, também, nelas, adequação, verdade: — “Morno o sol bruxoleia e, qual ardente / Ferro que o forjador mete na tina, / Imerge nos negrumes do ocidente”: — adequação, verdade, pictórica e auditiva.

Agora, algumas reflexões sôbre o estilo de todos:

Em “O sobrado”, há a fluência de um poeta que ama o que canta, que não sacrifica à regularidade formal e consegue, sem esforço, partindo do particular, atingir o geral.

Em “Ao raio”, há agigantamento, condoreirismo: — a primeira palavra do poema é *condor*. E', como dissemos — o primeiro vôo de condor, na poesia brasileira, lembrando a rude grandeza de Alexandre Herculano.

Em “Nuvem da vida”, a admirável capacidade de, partindo da realidade visível (nuvem), atingir o mundo do espírito (vida moral): — alguma coisa do *símbolo* de Mallarmé, num dos seus movimentos; a *correspondência* de Baudelaire; alguma coisa do que, também, mais tarde, faria Amadeu em “Névoa” e “Espumas”. E não se esqueça, aqui, êste profundo verso: — “onde o horizonte, onde o rumo?”, verso de um poeta capaz de transformar sentimento em visão.

Em “Prometeu”, há “um estilo grandiloquo e corrente”, como o de Camões; agigantamento, condoreirismo; domínio da expressão; e uma reminiscência de Garrett: — o elemento *alcione* (procelária), que o poeta português pôs em moda e que mais tarde será retomado por Júlio Ribeiro e Teófilo Dias.

Em “Cinco de maio”, “Átila” e “A Tamerlão”, fôrça, grandeza, agigantamento, condoreirismo ainda.

Em “Verdades e mentiras”, coragem e rudeza de expressão.

Em “O evangelho”, simplicidade.

Em “Sonêto ao Tasso”, suavidade, capaz de fundir o visível e o invisível, numa expressão única, nos versos em que o poeta, falando da morte de Tasso, se dirige a êste: — “Celeste aurora / As descoradas faces te ilumina”, onde o adjetivo *celeste* encontra aquêl espontâneo e profundo valor dual, que só o poeta verdadeiro inconscientemente descobre.

MANUEL CERQUEIRA LEITE

Livre-docente da Cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.